



Carnaval e futebol em tempos de pandemia: União das Escolas de Samba Paulistas (UESP) e agremiações carnavalescas paulistas de torcidas organizadas de futebol

Carnival and football in times of pandemic: União das Escolas de Samba Paulistas (UESP) and São Paulo carnival associations of soccer organized fans

Júlio César Valente Ferreira 

jcvferreira@hotmail.com

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ

Universidade Federal Fluminense - UFF

 10.52521/opp.v22n47.12357

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 12/01/2024

Aprovação do trabalho: 20/02/2025

Publicação do trabalho: 31/03/2025

Resumo

A proposta do presente trabalho visa descrever as formas de enfrentamento às consequências da pandemia de Covid-19 pela União das Escolas de Samba Paulistas (UESP) e por agremiações filiadas e que também são torcidas organizadas de futebol: Pavilhão 9 (Corinthians) e Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP). A pesquisa foi realizada a partir de uma perspectiva etnográfica com análise de matérias jornalísticas, consulta às publicações em suas redes sociais e entrevistas informais com lideranças no acompanhamento dos preparativos para o carnaval de 2022, o qual foi o primeiro desfile após a fase mais aguda da pandemia de Covid-19, acumulando inscrições traumáticas às já existentes. A análise dos dados mostrou que o “tempo do futebol” distanciou-se mais do “tempo do carnaval”, privilegiando as ações das torcidas organizadas na seara do futebol, justificada pela estrutura teleofativa destas agremiações, configurando táticas que incrementaram os planos de clivagem entre futebol e carnaval, potencializadas pelo estigma que sofrem nos dois ambientes. Por outro lado, para a UESP, o alargamento do tempo entre desfiles demandou a configuração de um conjunto de ações que fortaleceram a estratégia de estabelecer um lugar próprio como base para atuar no campo do carnaval paulistano, com resultados positivos no enfrentamento ao estigma direcionado ao carnaval e recrudescido na pandemia.

Palavras-chave

Carnaval. Futebol. União das Escolas de Samba Paulistas. Pavilhão 9. Torcida Uniformizada do Palmeiras. Covid-19.

Abstract

The aim of this study is to describe the ways in which the União das Escolas de Samba Paulistas (UESP) and affiliated associations that are also organized football fan groups (Pavilhão 9, Corinthians) and Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP) have dealt with the consequences of the Covid-19 pandemic. The research was conducted from an ethnographic perspective, analyzing newspaper news, consulting publications on their social networks, and conducting informal interviews with leaders who were monitoring the preparations for the 2022 carnival, which was the first parade after the most acute phase of the Covid-19 pandemic, adding traumatic inscriptions to those already in place. The analysis of the data showed that the “time of soccer” has become more distant from the “time of carnival”, favoring the actions of organized fan groups in the football field, justified by the teleoaffective structure of these associations, configuring tactics that have increased the plans to divide football and carnival, reinforced by the stigma they suffer in both environments. On the other hand, for UESP, the extension of time between parades required the configuration of a set of actions that strengthened the strategy of establishing its own place as a base for acting in the field of São Paulo carnival, with positive results in confronting the stigma directed at carnival and worsened during the pandemic.

Keywords

Carnival. Soccer. União das Escolas de Samba Paulistas. Pavilhão 9. Torcida Uniformizada do Palmeiras. Covid-19.

Introdução

Territórios e continentes em todo o planeta foram acometidos pela pandemia de Covid-19. No Brasil, apesar de, no momento, estar em fase de redução, os números apontam elevadas taxas de incidência e mortes, com um total de mais de 39.000.000 de casos e mais de 700.000 óbitos (Ministério da Saúde, 2024) entre os anos de 2020 e 2024. Nos primeiros 18 meses, compreendendo os indicadores até 15 de agosto de 2021, o número de casos foi de 20.350.142 e o número de óbitos foi de 568.788 (Siqueira et al., 2022). Mesmo com o início da vacinação, em 17 de janeiro de 2021, ter sido tardio, a existência do Sistema Único de Saúde (SUS) acelerou o processo de imunização em todo o território nacional, reduzindo a taxa de letalidade dos casos notificados, conforme mostrados nos números apresentados no início deste parágrafo, comparando os índices apresentados em 18 e 24 meses (Moura et al., 2022). No entanto, seus impactos ao longo do tempo foram desiguais. Siqueira et al. (2022) assinalam que a capacidade para o enfrentamento às consequências da pandemia é diretamente proporcional às condições sociais das parcelas da sociedade. Os setores mais subalternizados foram os mais impactados por conta de possuírem menos condição de encontrar meios de subsistência em meio à crise global instaurada, além de serem menos informadas e possuírem menor cobertura sanitária e assistencial (Siqueira et al., 2022).

Em especial, a área laboral da cultura foi a mais afetada, pois foi a primeira a suspender as atividades e a última a plenamente reiniciar. “Segundo o IBGE, estamos falando de um universo 5,2 milhões de trabalhadores e de cerca de 325 mil organizações, ou seja 5,7% da força de trabalho do país” (Mamberti, 2021, p. 16). Mais especificamente, para as escolas de samba e blocos especiais, a questão temporal foi mais grave, pois foi o último tipo de evento autorizado a ocorrer. O desfile do carnaval de 2021 foi cancelado e o de 2022 somente foi ocorrer em abril.

Partindo desses pressupostos, este trabalho objetiva analisar os mecanismos de enfrentamento aos efeitos da pandemia em coletivos como escolas de samba, blocos especiais e torcidas organizadas de futebol, a partir do entendimento de que são estruturas teleoafetiva (Schatzki, 1997), estigmatizadas (Goffman, 2016) e marcadas em maior ou menor grau por traumas sociais inscritos durante suas existências (Farias, 2008; Farias; Pinto, 2016; Levy, 2011), que lançaram mão de estratégias e táticas (Certeau, 2009) para construir repertórios de manutenção e sobrevivência institucionais. Mais especificamente, este trabalho direcionou suas atenções às torcidas organizadas de futebol que participam do carnaval paulistano, porém apresentando-se fora da principal pista de desfile da cidade, e à entidade gestora destes cortejos. Com isto, o desenho da pesquisa centrou-se nas torcidas organizadas Pavilhão 9 (devotada ao Corinthians) e Torci-

da Uniformizada do Palmeiras (também nominada como TUP) e na União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP). Importante destacar que, em São Paulo, os blocos especiais são agremiações carnavalescas que possuem estrutura competitiva, estética visual e musical similar às escolas de samba, sendo todas os coletivos deste tipo organizadas na UESP.

A escolha dos grupos neste trabalho: (i) UESP (entidade gestora de desfiles carnavalescos), (ii) TUP (escola de samba) e (iii) Pavilhão 9 (bloco especial) baseou-se em duas questões. A primeira foi minha experiência da convivência com estas associações, possibilitando acessos que, em uma primeira abordagem, não seriam tão contornáveis, principalmente para tratar de um momento traumático como o enfrentamento às consequências da pandemia. A segunda foi a constatação da falta de trabalhos voltados para estes coletivos, que não operam na principal pista de desfile da cidade de São Paulo. Com isso, as condições iniciais e de contorno diferem-se severamente em relação às encontradas nos grupos que tem como seu lugar carnavalesco o espaço social simbolicamente mais valorizado na folia das escolas de samba, como aquelas tratadas, tendo o mesmo recorte temporal, nas publicações de Bártolo e Souza (2020), Bora (2021), Santos e Pêgas (2022) e Toledo e Souza Junior (2020). Outra camada importante deste substrato a ser destacada é que os trabalhos citados foram elaborados no contexto das escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo da principal divisão hierárquica, agremiações estas com um diálogo muito mais robusto com o poder público e departamentos sociais mais estruturados que os dos coletivos tratados neste artigo.

Agremiações carnavalescas e torcidas organizadas de futebol: estruturas teleoafetivas, estigmas, traumas, estratégias e táticas

DaMatta (1982) aborda o futebol como máquina de socialização, principalmente porque é algo rotineiro. Isto é, tem futebol durante todo o ano. Por outro lado, esta análise também é válida para o carnaval, pois, apesar do seu tempo possuir vacâncias em relação ao calendário anual, as escolas de samba e blocos especiais demandam tempo de seus integrantes (em intensidades distintas, logicamente), o qual supera (e muito) os dias oficiais de folia, constituindo-se então também em espaços de socialização (Leopoldi, 2010).

Segundo Schatzki (1997), determinadas organizações estruturam-se a partir de uma estrutura teleoafetiva, a qual representa um conjunto hierarquicamente organizado e descritivo no que tange aos seus objetivos e interesses, aos meios para alcançá-los (projetos ou ações) e às emoções (sentimentos e afetos) aconselhadas e aceitas, valida-

das e legitimadas na práxis, retirando o estatuto moral de uma ação ser considerada “certa ou errada”. O norte é honrar o nome, a manifestação cultural e/ou a instituição com as quais estabelecem laços de pertencimento.

A estrutura teleoafetiva possibilita uma fluidez configuracional de práticas em diferentes versões pelos diversos membros, mantidos os fins da organização, pois cada um foi operado em variados e distintos regimes de socialização, para além das condições de contorno estabelecidas no conceito de *habitus* por Bourdieu (1989). Para dar conta desta questão na sociedade contemporânea, não há possibilidade de pensar o indivíduo sendo regido somente por um único princípio de conduta. Tomando como exemplo a estrutura teleoafetiva presente em uma torcida organizada, ela acaba por socializar o indivíduo neste coletivo de forma diferente quando este se encontra em um bloco especial ou em uma escola de samba (Barbieri, 2020; Bueno, 2015; Souza Junior, 2020; Toledo e Souza Junior, 2020). Mesmo que considerássemos alguma simetria entre as emoções que dão substrato às práxis, elas não se verificam empiricamente nos princípios de conduta, objetivos, interesses e meios de obtenção. Desta forma, o quadro dos processos de socialização aqui tratados ombreia-se às críticas de Lahire (2002) ao conceito hermético de *habitus* em Bourdieu (1989). Observando os mesmos indivíduos quando estão no futebol, como torcedores organizados, e na agremiação carnavalesca do respectivo coletivo, constata-se que eles não agem de forma homogênea nas muitas situações de vida e muito menos ancoram-se em uma coerência ontológica por conta de uma estrutura com elementos imanentes únicos e sem qualquer possibilidade de plasticidade.

O conceito de estigma proposto por Goffman (2006) é baseado na construção heurística de um binômio classificador societal entre os estigmatizados e os normais, com os primeiros configurando-se em sujeitos conhecidos e devidamente identificados como desviantes e evitáveis/combatíveis. No caso das torcidas organizadas de futebol, opera-se principalmente na seara da violência (Hollanda; Medeiros; Teixeira, 2015; Palhares; Schwartz, 2015). Em todo o território nacional, elas são classificadas como inimigas da ordem pública, da urbanidade e da disputa pelos usos do espaço público (Hollanda; Medeiros; Teixeira, 2015; Palhares; Schwartz, 2015; Piva, 2019; Toledo, 1996).

Ao direcionarmos nosso olhar para as escolas de samba e blocos especiais, o estigma opera não somente por conta das origens territoriais apontarem para os setores mais pobres e excluídos da sociedade e das práticas religiosas estarem em sintonia com predicados afro-brasileiros; mas também por se organizarem em entidades gestoras de desfiles e celebrarem contratos de prestação de serviços culturais durante o carnaval com os poderes públicos. Configura-se então uma cadeia produtiva da economia criativa do carnaval, em grande parte invisibilizada e desprezada com o intuito de justificar

a retirada do apoio do poder público, somando-se a esta reivindicação o avanço de uma retórica conservadora que vê nesta manifestação, por exemplo, uma potência perigosa que deve ser controlada e regrada por não seguir os predicados culturais, sociais e raciais considerados normais (Menezes, 2020; Raymundo, 2021). Durante a fase mais aguda da pandemia, o discurso tomou formas que atendessem a uma narrativa reacionária com alcance capilar rápido e eficiente para condenar o carnaval como o vetor inicial de propagação do vírus no Brasil (LIGA-SP, 2020).

Não obstante, importante ressaltar que o noticiário sobre as torcidas organizadas de futebol (principalmente no jornalismo esportivo, o qual, em tese, é o que está em maior proximidade com este universo) normalmente opera no estigma destes grupos serem praticamente constituídos para a prática de atos violentos contra todos aqueles que consideram como “inimigos”, isto é, qualquer pessoa que não honre o nome e a instituição aos quais os coletivos estabelecem laços de pertencimento (Bassi, 2022; Palhares; Schwartz, 2015). No campo do folia momesca, a oposição à participação das torcidas organizadas de futebol se mostra latente ou estabelece uma “escala de civilidade”, onde o carnaval é idealizado como o lócus das relações comunitárias e familiares, sem um *ethos* beligerante. Por outro lado, as torcidas organizadas de futebol são posicionadas diametralmente opostas (Fernandes, 2010) (Lance, 2023). Considerando os trabalhos de Barbieri (2020) e Souza Junior (2020), os quais abordam escolas de samba ou blocos especiais criados a partir de uma torcida organizada de futebol ou de um sentimento de pertença clubístico, não há como estabelecer um constructo de imbricamento entre eles. São fenômenos justapostos que são operados pelos membros de um mesmo coletivo em distintos graus de adesão, cujo grau de urdimento é influenciado (não determinado) fundamentalmente a partir das relações sociais mediadas pelas lideranças.

Sobre o entendimento por trauma, Farias e Pinto (2016) trabalham sua formulação nos âmbitos individual e social. A experiência traumática se concretiza no percurso existencial com a situação de choque ou catástrofe. O trauma pode ter efeitos a partir do processo de aniquilamento do ser ou na geração de alternativas para o enfrentamento. Por fim, a noção de desamparo decorrente do aabalamento é importante porque permite a viabilidade de analisar os efeitos das políticas de estigmatização, as quais colocam em prova os limites de resistência e que podem levar a um quadro de paralisia na construção de alternativas de existências, quando nem mais a insistência faz sentido. Quando mantida por muito tempo, instaura-se um regime de desorientação, o qual afeta diretamente as capacidades cognitivas e físicas (Levy, 2011). Afinal, o trauma produz restos, um excesso que não consegue naturalmente ser purgado (Farias, 2008). A atuação dos coletivos estudados neste artigo demonstrou que os mecanismos de enfrentamento ao choque instaurado pela pandemia de Covid-19 foram diversos, mesmo que o discurso

de aniquilamento destes tipos de seres institucionais tenha recrudescido nesta época. Com diferentes gradações de aparições públicas e de diálogo com a sociedade, TUP, Pavilhão 9 e UESP não se entregaram à paralisia plena que o desamparo traumático potencializado pelo estigma apresenta.

As estratégias correspondem a um cálculo de relação de forças empreendido por um agente detentor de algum tipo de poder, o qual postula um lugar próprio, a partir do qual estabelece como base para atuar no campo. As táticas referem-se às ações calculadas determinadas pela ausência de um lugar próprio, atuando nas frestas existentes do projeto totalizador do adversário (Certeau, 2009). Claramente, as escolas de samba, blocos especiais, entidades gestoras de desfiles e torcidas organizadas de futebol operam praticamente no terreno da tática. Considerando as posições da UESP, da TUP e do Pavilhão 9, esta afirmação se reforça na medida em que não são permitidos a eles a prerrogativa de ocupação de um lugar próprio; nem na pista de desfile e nem nas arquibancadas dos estádios (Barbieri, 2020; Souza Junior, 2020). No máximo, consegue-se configurar um lugar na sede do coletivo, sem a potência do lugar próprio nos campos do futebol e/ou do carnaval, cuja finalidade é ser um espaço para a organização de táticas, onde a capacidade de enunciação é condicionada pela eficácia de atrair atores e estabelecer redes.

Questões metodológicas

Para a consecução do objetivo da pesquisa, em primeiro lugar, possui relevância delinear o posicionamento e a atuação destes coletivos no campo do carnaval através das forças sociais que os mobilizam e das redes, internas e externas de apoio, que suportam suas atividades, a partir dos suportes teóricos apontados nas seções anteriores deste artigo. O trabalho de campo foi empreendido em três frentes, no período temporal de janeiro de 2022 a dezembro de 2022: (i) consulta às matérias jornalísticas, (ii) exame das publicações feitas pelos coletivos em seus perfis oficiais no Facebook¹ e (iii) entrevistas informais e individuais com membros do “comando administrativo” de cada coletivo.

Neste trabalho, utilizei o termo “comando administrativo” para se referir à pessoa que assume o cargo máximo administrativo de um coletivo, o qual normalmente é nomeado “presidente”, ou a um grupo específico de indivíduos responsáveis por qualquer decisão ou ação administrativa, comumente denominado como “conselho administrativo” ou “direção administrativa”. Em determinados grupos, a figura do presidente tem sua capacidade de agência regada por um estatuto ou pelo conselho ou gerência ad-

1 Outra mídia social muito adotada pelos coletivos pesquisados é o Instagram. No entanto, verificou-se em todos os casos que o conteúdo era replicado do Facebook e vice-versa.

ministrativa. Para a pesquisa em questão, esta tipologia permitiu operar os dados obtidos sem a exposição do interlocutor, o qual necessariamente se trata de um presidente ou de um membro do conselho ou direção administrativa, sendo então um ator que ocupava posição de liderança no período temporal durante a pandemia de Covid-19.

Como fonte inicial de consulta de dados, optou-se pelas matérias jornalísticas, as quais possibilitaram verificar que tipo de cobertura midiática foi destinado para tratar das ações de enfrentamento à pandemia de Covid-19 pelas torcidas organizadas de futebol e pelas entidades gestoras de desfiles das escolas de samba e dos blocos especiais na cidade de São Paulo, tendo clara a preocupação com o que “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público” (Luca, 2010, p. 139).

Em relação às publicações nas redes sociais, em tempos de isolamento social, a internet foi o espaço mister de comunicação para a divulgação de informes, notícias, campanhas e eventos virtuais ou presenciais (neste caso, com ênfase nas indicações dos procedimentos preventivos). Este espaço virtual foi reforçado, sendo praticamente o único meio para a manutenção e incremento dos laços de socialização, consolidando novas ou mais intensas possibilidades de construção de comunidades de sentimento, conceito este formulado por Appadurai (1996), sem mais a condição ora indispensável de um território ou espaço físico vivido e percebido por um indivíduo e compartilhado com outros.

No que concerne à entrevista informal, foi considerado importante esta abordagem para dialogar com um membro do comando administrativo. Considerando o contexto do estudo, na seara da pandemia da Covid-19, o qual continua sendo um assunto muito sensível, intentou-se através de uma conversa simples, com o menor grau de interferência no momento em que o diálogo era travado, baseada em uma postura fundamental de escuta ativa (Levy, 2011).

Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP) e a Sociedade Escola de Samba TUP: desentrelaçamentos iniciais e urdimentos posteriores

Segundo Campos e Louzada (2012), a TUP foi a primeira associação de torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras, fundada em 29 de novembro de 1970 por um grupo de alunos do Colégio Dante Alighieri, uma tradicional escola da comunidade italiana em São Paulo, frequentada por estratos médios e superiores da sociedade paulistana. Os autores ressaltam que camadas inferiores (porém, extremamente ligados à colônia italiana) também integravam a TUP em seu início. Mas, em movimento que perpassou

por todas as torcidas organizadas de futebol fundadas nas décadas de 1960 e 1970, Piva (2019) destaca que, a partir da década de 1990, as lideranças passaram a ser exercidas por indivíduos nascidos e criados em bairros periféricos da capital paulista, normalmente filhos de migrantes nordestinos, em um processo que se iniciou na década de 1980.

O envolvimento da TUP com o carnaval começou exatamente na década de 1980, com as mudanças ocorridas no comando administrativo da torcida, cujos membros também eram envolvidos com o carnaval paulistano das escolas de samba. Desta forma, ao longo desta década gestou-se a criação de um bloco especial com o objetivo de participar do carnaval oficial organizado pela UESP em 1991. Depois, com praticamente todos os blocos especiais ligados às torcidas organizadas de futebol terem se transformado em escolas de samba, em 2008, a TUP assume este novo estatuto.

Observando as postagens nas mídias sociais da TUP e da escola de samba TUP (elas possuem seus canais próprios), praticamente não se verificaram mensagens sobre falecimentos. Quando isso ocorreu, sempre foram relativas a pessoas da velha-guarda e sem citação do motivo do óbito. O intuito foi de não espalhar mais medo, pânico e açar o trauma pela comoção psíquica. Nas entrevistas, sempre se pontuou que as mídias sociais foram utilizadas para a divulgação de iniciativas que promovessem algum tipo de alívio.

A TUP não fechou a quadra durante o período mais agudo da pandemia. Em visitas anteriores a esta época, já tinha observado que a quadra era uma referência local para as pessoas em situação de rua ou que necessitassem de um auxílio, metabolizando assim toda uma tensão de desamparo e exclusão de longa duração, transmutadas em traumas individuais e que buscam uma escuta ativa. Ao longo desse decurso, principalmente nos primeiros meses após declarada o estado de pandemia, as famílias das comunidades faveladas que se localizam ao longo do bairro da Barra Funda (onde fica a quadra da TUP) ou em situação de rua procuravam o local para se hidratarem e alimentarem, tomarem banho, buscar alimentos e cestas básicas e conversar e desabafar, pois, estavam atônitas.

Sobre o poder público, apesar da proibição de abertura de espaços públicos, não houve qualquer ação de repressão e nenhum contato ou parceria foi estabelecido. Ao longo dos anos de 2020 e 2021, campanhas massivas foram empreendidas pela TUP, conforme ilustram as Figuras 1 e 2. Importante destacar também a realização de ações nas subsedes e que não houve uma coordenação rígida de publicações destas atividades nas mídias sociais oficiais da torcida e da escola de samba.

Figura 1 – Campanha de arrecadação iniciada em abril de 2020



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/tupoficial>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Figura 2 – Campanha Periquito Solidário – março de 2021



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/tupoficial>>. Acesso em 10 dez. 2022.

Retornando ao uso das mídias sociais, a principal iniciativa foi a retomada do programa “Quando Surge - Papo de Arquibancada”. Criado em 2018, ele sempre foi pensa-

do para ser um canal de comunicação interativa com os “tupistas” e demais torcedores e simpatizantes do Palmeiras para dialogar, enviar mensagens, manifestar opiniões sobre os caminhos do futebol do clube, informar sobre caravanas e venda de produtos oficiais da TUP, receber convidados que fizeram história no clube e na TUP, além dos momentos de desabafo sobre a pressão do comando administrativo do clube contra as torcidas organizadas. Após uma redução no número de *lives* em 2019, logo após a declaração do estado de pandemia, o programa foi retomado em maio de 2020, tendo frequência semanal (Figuras 3 e 4). A configuração do programa mudou para incluir na pauta campanhas de conscientização no combate aos vetores da Covid-19, dicas de cuidado de saúde e pedidos de doações, reforçando as mobilizações ilustradas nas Figuras 1 e 2. Outra questão importante foi que, no período de recomendação intensa do distanciamento social, o programa serviu como forma de manter a conexão entre os “tupistas”, que não tinham mais a quadra e a arquibancada como lócus de encontro, e de se estabelecer de forma mais incisiva como um agente de socialização, configurando-se em um espaço social de reforço desta comunidade de sentimento (Appadurai, 1996). Depois de findado o período mais agudo da pandemia, o programa continuou, mas com uma frequência mais espaiada no tempo. Porém, cabe destacar que o comando administrativo reconhece a importância de tal iniciativa e, mesmo com todas as atividades da torcida e da escola de samba terem retornado ao ritmo de antes da pandemia, não pretende descontinuar o programa.

Figura 3 – Retomada do Programa “Quando Surge – Papo de Arquibancada” – maio de 2020



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/tupoficial>>. Acesso em 10 dez. 2022.

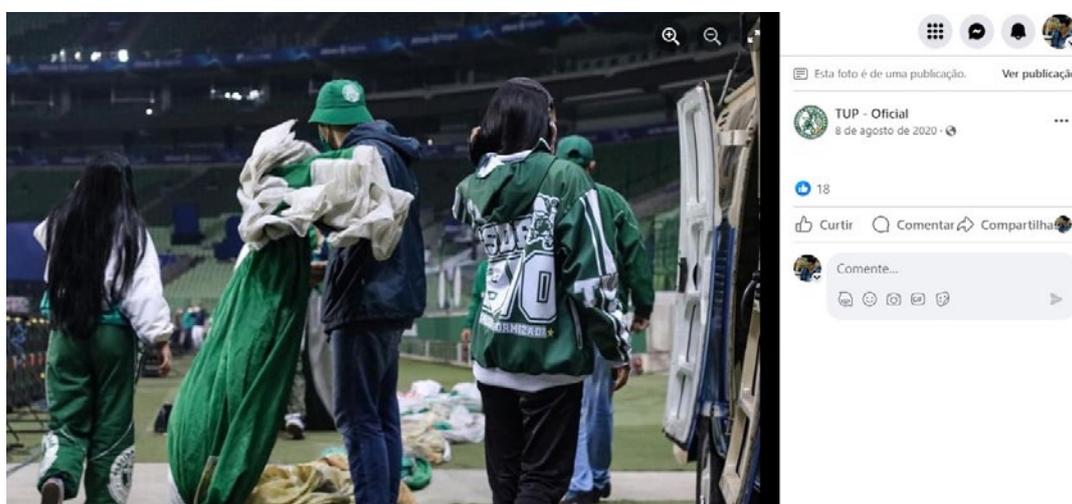
Figura 4 – Programa “Quando Surge – Papo de Arquibancada” – 23/03/2021



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/tupoficial>>. Acesso em 10 dez. 2022.

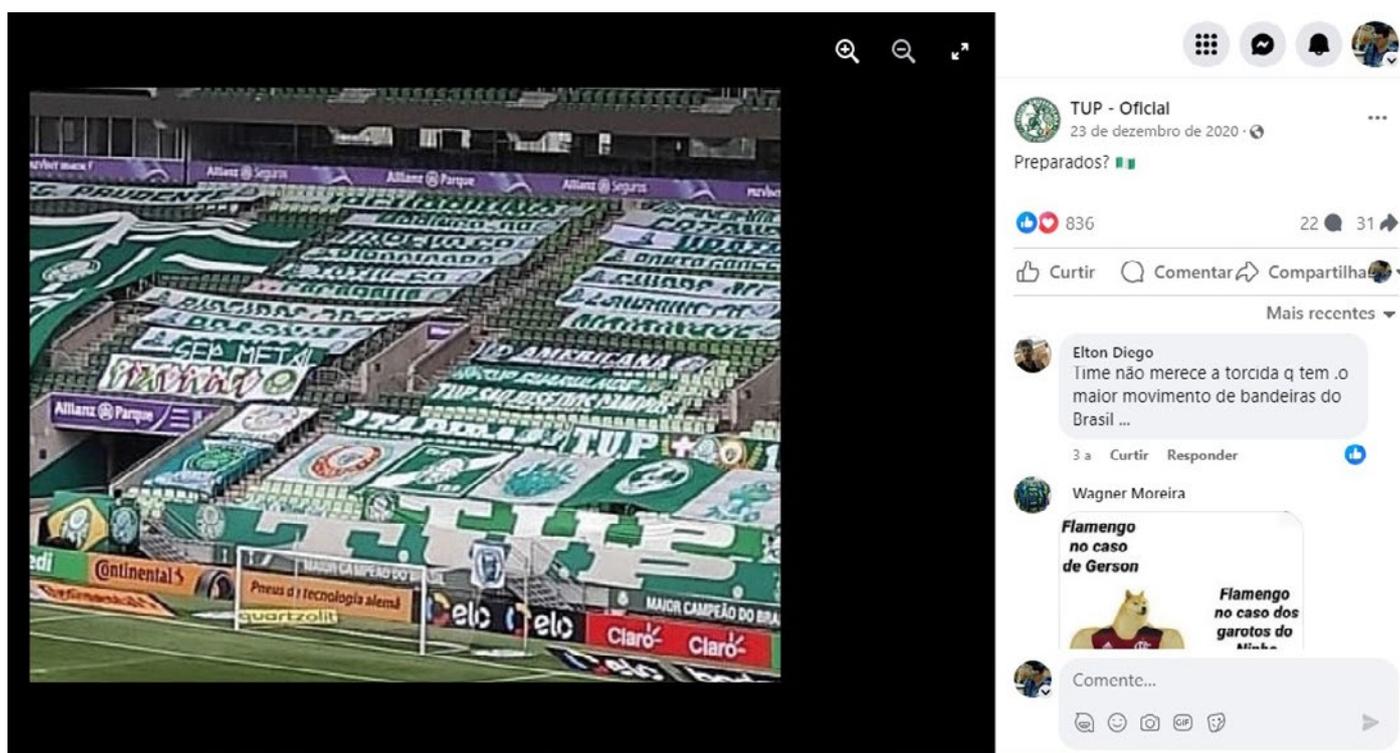
Outra ação da TUP (e de outras torcidas organizadas) neste período foi a decoração das arquibancadas com faixas e bandeiras ao longo das arquibancadas (Figuras 5 e 6) enquanto os campeonatos de futebol eram disputados sem a presença de público. Analisando como foi este período, o comando administrativo entende que foi manipulado pela diretoria do clube para preencherem os locais vazios e, de alguma forma, estabelecerem algum vínculo entre torcedores e atletas, além de fornecerem elementos estéticos geradores de valor para a transmissão televisiva.

Figura 5 – Membros da TUP no gramado do estádio do Palmeiras para decoração de parte das arquibancadas – agosto de 2020



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/tupoficial>>. Acesso em 10 dez. 2022.

Figura 6 – Setor destinado à TUP decorado com faixas e bandeiras – dezembro de 2020



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/tupoficial>>. Acesso em 10 dez. 2022.

Com o passar do tempo, os conflitos com a diretoria e funcionários do Palmeiras cresceram e, hoje, o comando administrativo entende que cobrir as arquibancadas era uma alegoria para mascarar os túmulos dos vitimados pela pandemia. No entanto, a prática permaneceu até a liberação da presença do público e foi considerada importante, além de um dever da torcida, retomando a questão da imanência deste elemento da estrutura teleoafetiva das torcidas organizadas de honrar o nome e a instituição a qual estabelecem laços de pertencimento acima de qualquer condição. Afinal, se tinha Palmeiras em campo, a TUP deveria lá estar.

Sobre o carnaval, a paralisação foi mais impactante. Inicialmente, somente estava definido o enredo e o samba. As constantes mudanças de data dos desfiles (fevereiro de 2021, julho de 2021, fevereiro de 2022 e, por último, abril de 2022) geraram uma incerteza muito forte na produção do desfile e afetou os trabalhadores desta cadeia produtiva. A implicação junto a estes profissionais foi de menor monta em relação aos que atuam nas escolas de samba da principal divisão hierárquica, conforme é apresentado por Bártolo e Sousa (2020) e Bora (2021), pois o lapso temporal de produção entre desfiles é maior nas agremiações das últimas categorias (em 2022, a TUP encontrava-se na quarta classe das escolas de samba). Segundo o comando administrativo, partes das fantasias começaram a ser confeccionadas, até porque as primeiras cotas do repasse financeiro

municipal de incentivo cultural (também nomeado no universo do carnaval como subvenção) foram pagas em 2021 e, com isso, havia a necessidade de se utilizar a verba para posterior prestação de contas (financeiramente e temporalmente).

Sobre os imbricamentos urdidos na torcida organizada, a TUP passa por um processo de separação entre aqueles que cuidam da parte relativa ao futebol e os que se dedicam ao carnaval do coletivo. Este plano foi intensificado pela pandemia, pois o futebol retornou bem antes dos desfiles de carnaval, em junho de 2020. A única atividade que se manteve mais orgânica neste período foram os ensaios da bateria, que contam com integrantes da torcida e outros inseridos pelo mestre de bateria da escola de samba. Na TUP, a escola de bateria tem a função importante de ser um lócus onde o processo de socialização dos jovens que se filiam ao coletivo inicia-se.

Com relação à UESP, o diálogo com a entidade gestora operou em duas esferas: (i) recebimento de parcelas da subvenção e (ii) parceria e convite para participação em eventos de grande porte para a arrecadação de mantimentos e outros itens, cujas dinâmicas serão delineadas neste artigo *a posteriori*. No que tange ao desfile de 2022, havia a necessidade de estar na avenida, pois, no caso da TUP, parte da verba recebida foi utilizada para pagar dívidas com a UESP. Então, devido à prestação de contas, mesmo a contragosto do comando administrativo, a TUP desfilou. A contrariedade em questão residia no trauma ainda muito recente da perda de familiares e amigos por conta da pandemia. Por fim, a realização do desfile representava simbolicamente o retorno à “normalidade”. Afinal, justamente após duas semanas da realização dos desfiles de 2020, foi declarado o estado de pandemia.

As atividades da escola de samba TUP com participação de público retornaram em outubro de 2020, com a promoção de um evento gastronômico para apresentação das fantasias e do samba-enredo (Figura 7). Posteriormente, em 2021, a TUP promoveu, com o apoio da UESP, a *live solidária* no intuito de arrecadar fundos para os profissionais do circo, manifestação cultural homenageada no enredo (Figura 8). O acontecimento contou com a participação de intérpretes, segmentos e componentes de escolas de samba filiadas à UESP, tendo mais de quatro horas de duração. Outro ponto importante da *live* foi ser um momento de reencontro de muitos apreciadores do carnaval com as escolas de samba das agremiações filiadas à UESP.

Figura 7 – Macarronada do Periquito – outubro de 2020



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/sestup2019>>. Acesso em 10 dez. 2022.

Figura 8 – Live Solidária da TUP – junho de 2021



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/sestup2019>>. Acesso em 10 dez. 2022.

Pavilhão 9: manutenção dos vínculos sociais através do futebol e o bloco especial em suspenso

A fundação do Grêmio Recreativo Cultural Social Bloco Torcida Clube Desportivo Pavilhão 9 (G.R.C.S.B.T. C.D. Pavilhão 9) ocorreu no dia 09 de setembro de 1990. Aqui, temos um caso de uma torcida organizada surgida em uma região periférica da cidade de

São Paulo. Além disso, diferente da TUP e das demais atuantes no carnaval paulistano, o Pavilhão 9 já iniciou suas atividades como torcida organizada e bloco carnavalesco.

No caso específico, além de seu lócus periférico, outro elemento recrudescceu a recepção deste coletivo no nível operacional do estigma, inclusive por parte das demais torcidas organizadas devotadas ao Corinthians já existentes. Conforme relata Vedovello e Rodrigues (2020), a torcida organizada teve como base criadora um grupo de corinthianos da Vila dos Remédios (zona oeste da cidade de São Paulo) e do município de Osasco que realizava ações sociais junto a encarcerados torcedores do clube no Pavilhão 9 do presídio do Carandiru. Por conta do massacre, ocorrido justamente no mesmo local, em 02 de outubro de 1992, com o assassinato de 111 prisioneiros, e, depois, por outros eventos traumáticos, o estigma desta torcida posiciona-se em um patamar superior de distinção.

Através da adoção do slogan “preso por uma só paixão” e do mascote representado pelos Irmãos Metralha (Figura 9), a torcida Pavilhão 9 trouxe para fora, e de forma escancarada, signos remetentes ao sistema prisional, como ainda não se tinha observado no espectro do futebol; elementos de um espaço social operado em profundo grau de estigmatização, o qual traduz o C.D. da sigla da torcida de Clube Desportivo para Casa de Detenção (justamente, o início do nome oficial do presídio do Carandiru – Casa de Detenção de São Paulo). Para Vedovello e Rodrigues (2020), a potencialização da operação do estigma está no fato de que esta torcida organizada evoca a ideia, rechaçada pelo descrédito, de que as pessoas em cárcere são sujeitos portadores de subjetividades forjadas em processos de socialização como qualquer outro indivíduo.

Figura 9 – Signos do G.R.C.S.B.T. C.D. Pavilhão 9



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/cdpavilhao9>>. Acesso em 10 dez. 2022.

Posteriormente, dois fatos em que o Pavilhão 9 foi protagonista marcaram traumáticamente seus associados, com reverberações ainda presentes. O primeiro ocorreu no dia 22 de fevereiro de 2003, sábado de carnaval, na concentração da pista de desfile destinada aos blocos especiais, quando integrantes do bloco Tricolor Independente, formado por torcedores são-paulinos, atacaram corinthianos do bloco Pavilhão 9 (Sarmiento, 2003). Como resultado do conflito, registrou-se o assassinato de Ruy Luciano Nogueira, carnavalesco do Pavilhão 9, morto com um tiro na cabeça. O segundo fato ocorreu em 18 de abril de 2015, no interior da sede da torcida quando, após um churrasco comemorativo de um campeonato de futebol, três homens armados adentraram o local, renderam e assassinaram com tiros na cabeça oito pessoas que ainda se encontravam no local, mas que não conseguiram fugir (Pinho; Duarte, 2015). Depois deste massacre, o Pavilhão 9 mudou sua sede de uma ampla quadra situada na Vila dos Remédios (Zona Oeste da cidade) e passou a ocupar uma casa situada em Itaquera (Zona Leste da cidade), próxima ao atual estádio do Corinthians.

Quando foi declarada o estado de pandemia, todas as atividades foram suspensas abruptamente (Figura 10). Segundo o comando administrativo, havia o receio de sofrerem sanções do governo municipal. Mais uma vez, os filigramas dos traumas atuaram, pois o estigma posto em um patamar superior, inclusive em relação às demais torcidas organizadas de futebol, configuraram mais um obstáculo para a constituição de interlocutores que permitissem a fluência dos dados, complexificando a reelaboração e adensando a inscrição da condição de choque.

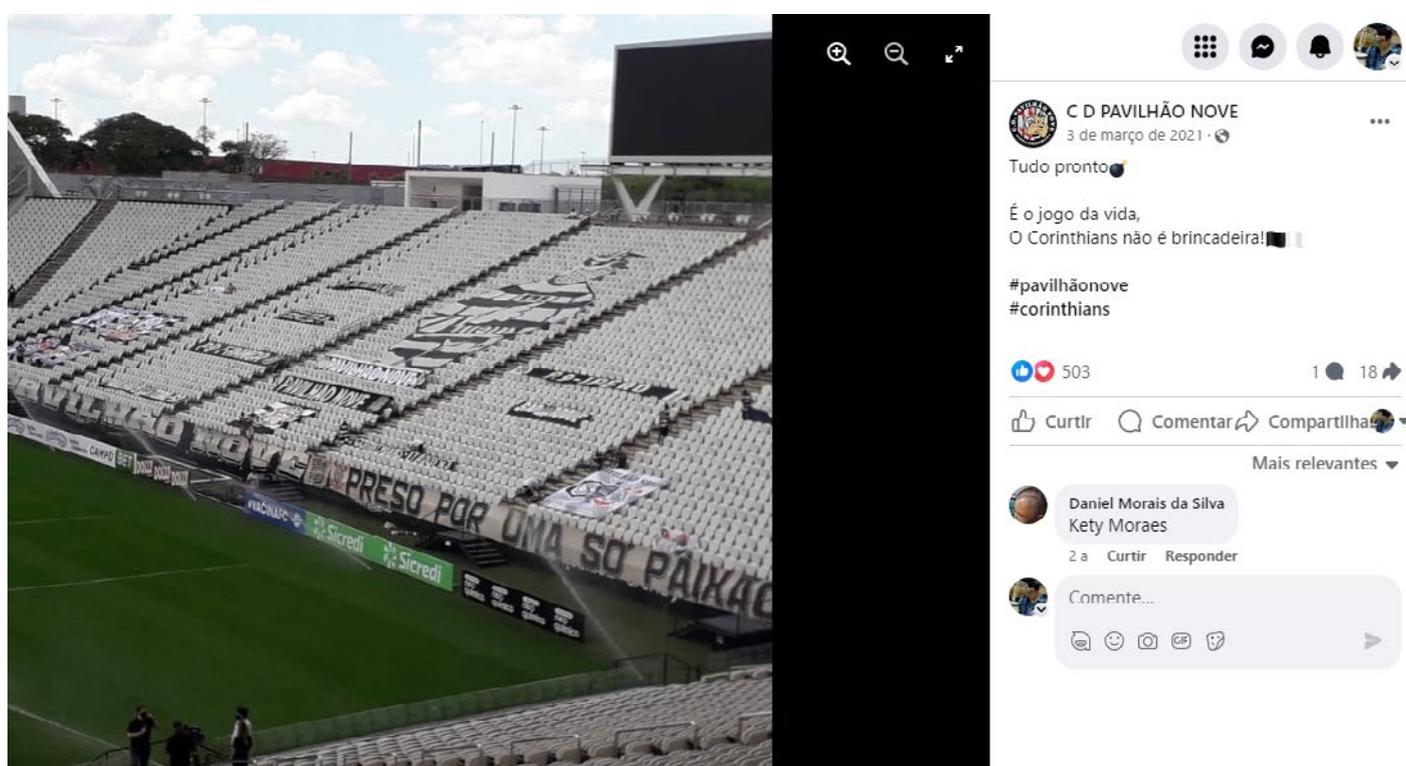
Figura 10 – Comunicado sobre a suspensão das atividades do Pavilhão 9



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/cdpavilhao9>>. Acesso em 10 dez. 2022.

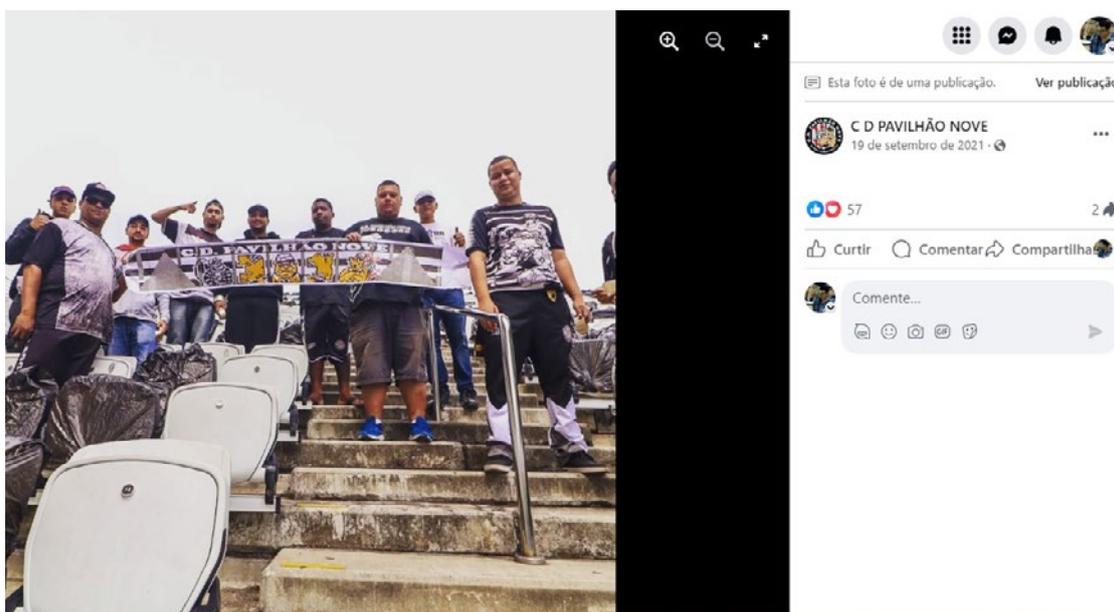
As atividades retornaram paulatinamente somente a partir de outubro de 2020. No entanto, com um uso muito mais moderado das mídias sociais (ao contrário da TUP, sem distinção entre a atuação no futebol e no carnaval), sendo a comunicação mais promovida por grupos existentes no aplicativo WhatsApp. Esta tática reverberou na participação na decoração das arquibancadas para os jogos realizados no estádio do Corinthians. Além de um número bem reduzido de publicações, as fotos inicialmente eram configuradas em plano aberto, impossibilitando, mesmo que estivesse naquele espaço, qualquer identificação pessoal (Figura 11). Com o avançar temporal, houve um esmaecimento desta tática, porém sem alteração no fluxo de postagens (Figura 12).

Figura 11 – Decoração de parte das arquibancadas – março de 2021



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/cdpavilhao9>>. Acesso em 10 dez. 2022.

Figura 12 – Decoração de parte das arquibancadas – setembro de 2021



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/cdpavilhao9>>. Acesso em 10 dez. 2022.

Ao longo dos anos de 2020 e 2021, campanhas de arrecadação de alimentos e produtos de higiene pessoal foram empreendidos de forma atomizada pelo Pavilhão 9, com grande participação das subsedes. Durante este período, além de não terem realizado uma campanha coordenada pelo comando administrativo, a divulgação das iniciativas era feita por *stories* do Instagram (que ficavam no ar por apenas 24 horas) ou por publicações no Facebook com a preocupação de mostrarem todos os envolvidos utilizando máscara².

Observando as postagens nas mídias sociais sobre notificações de falecimentos, comparando quantitativamente com o montante verificado nas mídias da TUP, a densidade foi muito superior. No entanto, em nenhum momento era citado o motivo do falecimento. Não obstante, a mensagem era sempre a mesma, somente alterando o nome do falecido e sua foto. Ao dialogar sobre esta questão, o comando administrativo foi evasivo e pontuou que era algo já feito, não se mostrando afetado pela condição pandêmica. A única menção à Covid-19 como questão central foi identificada em publicações feitas no início da pandemia sobre os cuidados básicos de higienização.

Sobre o carnaval, o comando administrativo avaliou a existência do bloco no carnaval paulistano de forma positiva, pois acredita que mostra outra possibilidade de se enxergar este coletivo para além do estigma da violência, naturalizando mais as iniciativas de promoção social e cultural. No entanto, considerou que o desfile de 2022 não

2 Tal postura pode ser lida como uma atitude de prevenção sanitária ou de não identificação das pessoas por receio de sanções do poder público. A leitura pode também ser feita de forma conjunta pelos dois prismas. No entanto, esta questão não foi posta ao longo do trabalho de campo para não evocar condições traumáticas coletivas vividas e comprometer a operação de memória empreendida no diálogo sobre as ações.

deveria ter ocorrido por conta do choque dos óbitos advindos da pandemia, o que no caso do Pavilhão 9 sempre é potencializado por conta dos filigramas acumulados pelos traumas que ainda ecoam fortemente na memória coletiva da torcida. Mas, por outro lado, da mesma forma que a TUP, reconhecia a necessidade da apresentação para embasar a prestação de contas da verba da subvenção recebida e do entendimento de fechar um ciclo.

Outro aspecto que justificou o posicionamento de comparecer ao desfile foi que o mesmo já estava montado. Desde o carnaval de 2019, a confecção do carnaval é terceirizada. No entanto, a estrutura teleoafetiva direciona esta parceria. No intuito de se manter o dever de honrar o nome e a instituição a qual estabelecem laços de pertencimento, tal procedimento é feito com membros ou ex-membros do Pavilhão 9. Com isso, o urdimento é feito por e com pessoas que compartilharam experiências semelhantes, no caso como torcida organizada de futebol, proporcionando maior fluidez de inserção e interpretação da própria estrutura teleoafetiva que configura esse coletivo e seus integrantes.

A retomada das atividades carnavalescas apenas ocorreu em janeiro de 2022, com o regresso dos ensaios. Foram praticamente dois anos sem qualquer menção ao bloco especial. A única citação encontrada foi nas mídias sociais da UESP, quando a entidade gestora foi uma das promotoras do evento “Unidos da CUFA”. A agremiação não participou de outras atividades lideradas pela UESP e nem a procurou para algo.

União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP): a construção do lugar próprio para o rearranjo da atuação das agremiações carnavalescas em tempos pandêmicos

A União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP) foi a primeira entidade gestora dos cortejos das escolas de samba e blocos especiais de São Paulo. Criada em 10 de setembro de 1973, atualmente é responsável pela administração dos desfiles das últimas divisões hierárquicas das escolas de samba (da quarta à sétima escala) e blocos especiais, os quais ocorrem nos bairros da capital paulistana, e a consequente representação junto ao poder público. Além dos desfiles, a UESP desenvolve projetos sociais, educacionais, culturais e assistenciais em conjunto com suas filiadas.

Logo após a declaração de estado de pandemia, foi criada no Facebook e no Instagram a página da UESP Solidária, atrelada às mídias sociais da UESP (Figura 13), voltada para a divulgação de ações sociais organizadas pela entidade ou apoiando as iniciativas das agremiações filiadas. A UESP Solidária também foi responsável pelo incremento do trabalho social, já em curso anteriormente, no atendimento à população em situação

de rua, com a doação de marmitas e agasalhos. Os recursos são captados através das redes construídas pelo capital social da entidade gestora, bem como de seus integrantes, além de doações das próprias agremiações. Os perfis destas mídias sociais não tiveram mais atualizações após o ano de 2021, quando a fase mais aguda da pandemia findava. No entanto, a atuação da UESP nesta seara permanece no âmbito da Direção Secretária, pois em seu estatuto não conta a existência de um Departamento Social.

Figura 13 – Criação da UESP Solidária – abril de 2020



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100057622442302>>. Acesso em 10 dez. 2022.

Diante da procura intensa por recursos materiais apresentada pelos comandos administrativos das agremiações filiadas, como cestas básicas, em diálogo com o poder público municipal, a UESP orientava sobre os procedimentos para inclusão nos programas emergenciais da prefeitura de enfrentamento às consequências da pandemia.

Posteriormente, UESP e LIGA-SP³ em conjunto promoveram dois grandes eventos no Sambódromo do Anhembi, com o apoio do poder público de São Paulo. O primeiro, denominado Carnaval Solidário (Figura 14), realizado nos meses de abril e maio de 2021 consistiu em uma grande campanha de arrecadação de alimentos nas sedes de todas as agremiações filiadas e das entidades gestoras. No dia 15 de maio de 2021, em forma de carreato (Figura 15), as agremiações (e demais pessoas que desejassem par-

3 A Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo (LIGA-SP) é a entidade gestora das três primeiras divisões hierárquicas das escolas de samba paulistas, cujos desfilios ocorrem no Sambódromo do Anhembi.

ticipar) entregaram as doações, totalizando 30 toneladas de alimentos, as quais foram igualmente distribuídas entre os coletivos (Figura 16). A ampla cobertura da mídia ampliou o capital social da UESP junto à prefeitura, além do fato de ter uma capilaridade de atendidos pelo território paulistano, visto que seus filiados abrangem 99 comunidades/bairros espalhadas pela malha urbana. Outra conquista foi operada no patamar do capital simbólico em um momento em que a opinião pública manifestava sua contrariedade à realização do carnaval, aos investimentos alocados e aos esforços empreendidos para se chegar a um consenso para a realização dos desfiles das escolas de samba e blocos especiais já em 2021.

Figura 14 – Carnaval Solidário – abril e maio de 2021



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/uespUniaoDasEscolasDeSambaPaulistanas>>. Acesso em 10 dez. 2022.

Figura 15 – Carreata do Carnaval Solidário – 15 de maio de 2021



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/uespUniaoDasEscolasDeSambaPaulistanas>>. Acesso em 10 dez. 2022.

Figura 16 – Entrega dos alimentos da carreta do Carnaval Solidário – 15 de maio de 2021



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/uespUniaoDasEscolasDeSambaPaulistas>>. Acesso em 10 dez. 2022.

Com o sucesso da campanha e o consequente reforço dos capitais social e simbólico da UESP e da LIGA-SP, uma segunda iniciativa massiva (e de maior porte) foi promovida em organização conjunta com a Central Única das Favelas (CUFA), a qual coletou e repassou 140 toneladas de alimentos e itens de higiene pessoal, também divididas igualmente entre as agremiações, destinados aos profissionais da cadeia produtiva do carnaval. Chamado de Unidos da CUFA (Figura 17), o evento teve dinâmica semelhante ao Carnaval Solidário. Também realizado no Anhembi e em formato de carreta, os representantes das agremiações filiadas chegavam e recolhiam sua parte (Figura 18).

Figura 17 – Unidos da CUFA



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/uespUniaoDasEscolasDeSambaPaulistanas>>. Acesso em 10 dez. 2022.

Figura 18 – Entrega das doações durante a Unidos da CUFA – 31 de julho de 2021



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/uespUniaoDasEscolasDeSambaPaulistanas>>. Acesso em 10 dez. 2022.

Sobre os processos de captação de verba para a consecução dos desfiles das escolas de samba e blocos especiais, há uma diferença fundamental em relação à cidade do Rio de Janeiro, que somente pode utilizar o valor da subvenção em material de consumo. Em São Paulo, a partir de uma visão mais ampla de cadeia produtiva da economia criativa do carnaval, o contrato celebrado com o poder público envolve duas rubricas. A primeira é chamada de “cachê artístico” e se destina à remuneração dos profissionais. A segunda é relativa à infraestrutura, onde a verba é direcionada para a compra de materiais e pagamento de prestação de serviços para fornecer o substrato material necessário para os desfiles. Além desta configuração legal, a UESP pode receber verbas de emendas parlamentares. Em 2021, uma emenda de 1 milhão de reais da Câmara dos Vereadores ajudou no balanceamento financeiro institucional e das agremiações filiadas, pois o total das verbas auferidas foi, na realidade, utilizada durante os anos de 2021 e de 2022 para a realização dos desfiles de 2022.

Com relação aos impactos, a UESP avaliou que não foi somente no desfile em si. Mesmo com a retomada dos eventos, os ensaios começaram com um público muito aquém do comum, pois as pessoas ainda estavam em situação de comoção psíquica, seja pela perda de um familiar, de um amigo, de um vizinho, mas também pelas imagens reproduzidas nos meios de comunicação sobre os mortos que o Brasil somou e as pessoas em busca desesperadora por alimento em um país que tinha retornado ao mapa da fome. A violência dessas estampas pairou na memória coletiva, inscrevendo um trauma cujas filigramas demoraram para serem minimamente tratadas. Outro ponto avaliado pela entidade e muito conversado com as agremiações filiadas foi sobre a perda de profissionais. Para além do aspecto do ser humano, esta lacuna operou na cadeia produtiva, pois a formação de trabalhadores neste setor é lenta e a reposição é custosa pelos óbices das etapas de construções epistêmicas laborais na área.

No entanto, constantemente era frisado pelo comando administrativo da UESP: o contrato tinha que ser cumprido. O desfile de 2022 foi encarado como forma de se fechar um ciclo nos arranjos mnêmicos daqueles que estavam no comando administrativo, diante de uma situação traumática vivenciada, pois o valor da experiência enquanto dimensão subjetiva fornece o substrato para a finitude, em um contexto social onde o esquecer é promulgado através do fazer (Farias, 2008). Desta forma, conforme tipifica Levy (2011), a UESP protagonizou a figura da presença do interlocutor, trabalhando com as agremiações filiadas a normalização da responsividade, o que inclui as próprias reações corporais dos comandos administrativos das agremiações filiadas e as elaborações comunicacionais funcionais, orbitando em torno do desfile que precisava ser realizado. Este diálogo operava também em planos em que a UESP não costumava atuar até a

instauração do ambiente traumático. A incerteza fazia oscilar qualquer planejamento e o desfile de 2022 teve três adiamentos ao longo do período temporal. Então, a entidade gestora precisou assessorar e caminhar com os coletivos que estavam desalentados por empreender esforços de articular/desarticular as redes de seu sistema produtivo.

Por fim, a questão do local de desfiles foi problemática de ser trabalhada com as agremiações filiadas. A prefeitura optou por levar todos os desfiles da UESP para o Autódromo de Interlagos. A experiência de anos anteriores no mesmo local não foi positiva. As críticas eram centradas na grande distância entre as quadras e pontos de encontro dos grupos em relação ao local de desfile, a dificuldade do público oriundo dessas comunidades em lá chegar e o aumento das despesas de logística para transportar componentes, alegorias, equipamentos para manutenção corretiva e peças de bateria.

A preocupação desta oposição e de poder decidir em plenária a não realização dos desfiles acionou pela UESP os discursos de se “manter acesa a chama do carnaval”, “da necessidade de transmitir os saberes às gerações mais novas que seriam impactadas por mais um ano sem desfiles”, baseados na estrutura teleoafetiva calcada no valor do samba. Por fim, mobilizar este devir se ancorou em uma tática de enfrentamento a um receio baseado na especulação construída pelo comando administrativo da UESP, mediante a compilação dos discursos em voga sobre a verba aplicada no carnaval das escolas de samba representar de forma estigmatizada um “custo” e não um investimento de múltiplos alcances sociais. O comando administrativo da UESP inferiu processualmente que a não realização dos cortejos ensejaria um sentimento de descartabilidade destes desfiles que, lembramos, atingem as agremiações carnavalescas cidadinas das áreas mais empobrecidas da malha urbana. E esta preocupação é real quando se observa o esvaziamento ou o fim do carnaval das escolas de samba de muitas cidades do Brasil. Se a cultura de São Paulo “sobreviveria” sem o desfile destas agremiações, por que retomar? Essa chega a ser uma apreensão de contorno estratégico.

Considerações finais

Este conjunto de mecanismos de enfrentamento à pandemia incrementou os planos de clivagem entre o carnaval e o futebol. Em primeiro lugar, reforçou-se a des-sacralização temporal operada pelo futebol, tão cara à cosmologia das escolas de samba e blocos especiais, nas torcidas organizadas estudadas neste artigo, a qual também ampliamos para os demais coletivos futebolísticos que participam da folia momesca paulistana. Por estarem em divisões hierárquicas que não desfilam na principal pista do carnaval citadino, para TUP e Pavilhão 9, esta clivagem é ainda mais expandida. Porém,

mesmo com estas questões emergidas com mais potência durante a fase mais aguda da pandemia de Covid-19, revelando de forma mais latente de que a folia não é a prioridade das torcidas organizadas de futebol que participam do carnaval paulistano, não se pode afirmar que é apenas um complemento. Ao longo da existência destes coletivos, sempre se mostrou que carnaval e futebol são manifestações que se justapõem durante parcela do ano e dotadas de importância pois, em ambos os casos, a estrutura teleoafetiva opera ideologicamente no dever de honrar o clube e seu nome.

Paras as torcidas organizadas, não há a visão cíclica, mas sim um *continuum*, pois tem futebol durante todos os meses do ano. Por outro lado, a participação nas últimas divisões hierárquicas é regida por uma visão de um projeto (o desfile), com um recorte temporal estreito em termos de meses do ano onde, após o encerramento de um carnaval, instaura-se um estado de paralisia até o início de um novo empreendimento moresco. No entanto, cabe destacar que o plano em andamento da TUP em desassociar o comando administrativo entre aqueles que cuidam da parte relativa ao futebol e os que se dedicam ao carnaval foi um elemento importante para a manutenção de uma base mínima operativa, impedindo uma paralisia total das atividades carnavalescas, diferentemente do que se constatou no Pavilhão 9. Porém, há de se ressaltar os traumas dos óbitos, cujos filigramas são reunidos quando a memória coletiva opera no Pavilhão 9, principalmente em um contexto pandêmico, cuja morte é sua faceta mais temida.

Outro aspecto da expansão desta clivagem foi o quase imediato retorno do futebol, diferente do carnaval que foi atingido pelo recrudescimento dos processos de estigmatização. Enquanto o futebol retornava em junho de 2020 (claro, com críticas de parcela da sociedade, as quais rapidamente se esvaíram), o desfile das escolas de samba e blocos especiais paulistanos de 2021 somente ocorreu em abril de 2022, aos atropelos, com fortes críticas dos filiados a UESP e da sociedade (transcrita nas matérias jornalísticas). Para TUP, Pavilhão 9 e UESP, além do devir oriundo de suas estruturas teleoafetivas, uma questão tática era fundamental: o contrato com a prefeitura precisava ser cumprido.

Tal clivagem também foi ampliada por questões exógenas. Nas duas agremiações pesquisadas, TUP e Pavilhão 9, não houve qualquer cobertura midiática das ações desenvolvidas. Quando ocorria, a pauta era destinada às escolas de samba das torcidas organizadas de futebol que estão na primeira divisão hierárquica do carnaval paulistano, porém sem o reconhecimento de seu estatuto organizacional no campo do futebol.

Por fim, mesmo com o carnaval sofrendo um processo contínuo e incremental de estigmatização, fundamental foi o diálogo entre a UESP e a prefeitura da cidade. A partir de elementos como o apoio logístico nas grandes campanhas de arrecadação, viabilizou-se uma base para o enfrentamento das consequências da pandemia de Covid-19

na cadeia produtiva da economia criativa do carnaval que permitem até configurar futuramente uma proto-política pública para o carnaval. A atuação da UESP foi reconhecida pelo poder público, seus capitais sociais e simbólicos elevaram-se e, como primeira consequência, aditamentos foram realizados no contrato para a consecução dos desfiles de 2023, permitindo assim o aumento do repasse financeiro às agremiações filiadas, onde dentre elas estão TUP e Pavilhão 9.

Referências

APPADURAI, A. **Modernity at large**: cultural dimensions of globalization. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

BARBIERI, R. J. de O. Escolas de samba e futebol no Rio de Janeiro. In: CAVALCANTI, M. L. V. de C.; GONÇALVES, R. de S. (orgs.). **Carnaval sem fronteiras**: as escolas de samba e suas artes mundo afora. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020, p. 197-216.

BÁRTOLO, L.; SOUSA, J. G. M. M. de. Notas sobre as escolas de samba e a pandemia do novo coronavírus. **Cadernos de Campo**, v. 29 (supl.), p. 194-203, 2020.

BORA, L. A. "Glória a quem trabalha o ano inteiro?": notas sobre os "barracões" do carnaval carioca. **PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, v. 11, n. 21, p. 24-47, 2021.

BASSI, P. No jornalismo esportivo, torcidas organizadas são relacionadas à violência, fidelidade e fiscalização. **Jornal da USP**, São Paulo, 08 dez. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/no-jornalismo-esportivo-torcidas-organizadas-sao-relacionadas-a-violencia-fidelidade-e-fiscalizacao/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUENO, A. Uma torcida que samba: o Grêmio Recreativo Gaviões da Fiel. In: HOLANDA, B. B. B. de; NEGREIROS, P. L. (orgs.). **Os Gaviões da Fiel**: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015, p. 219-254.

CAMPOS, H. B.; LOUZADA, R. A trajetória das associações de torcedores de futebol da cidade de São Paulo: de torcidas de futebol a escolas de samba. **Maguaré**, v. 26, n. 2, p. 147-171, 2012.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

DAMATTA, R. (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FARIAS, F. R. de. Acontecimento traumático: fraturas da memória e descontinuidade histórica. In: BARRENECHEA, M. A. de (org.). **As dobras da memória**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 101-112.

FARIAS, F. R. de; PINTO, D. de S. Memória social em situação traumática. **Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social**, v. 9, n. 15, p. 177-201, 2016.

FERNANDES, A. Escolas de samba ganham torcidas organizadas, mas torcedores dão exemplo de bom comportamento. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 16 jan. 2010. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/escolas-de-samba-ganham-torcidas-organizadas-mas-torcedores-dao-exemplo-de-bom-comporta->

mento-3068600. Acesso em: 25 nov. 2021.

GOFFMAN, E. **Estigma**: la identidad deteriorada. Tradução Leonor Guinsberg. 1. ed. 10. reimp. Buenos Aires: Amorrotu, 2006.

HOLLANDA, B. B. B. de; MEDEIROS, J.; TEIXEIRA, R. da C. (orgs.). **A voz da arquibancada**: narrativas de lideranças da federação de torcidas organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ). Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

LAHIRE, B. **Homem plural**: os determinantes da ação. Tradução Jaime A. Clasen. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LANCE. Jornalista se opõe às escolas de samba ligadas a torcidas de clubes: 'Não gosto'. **UOL**, São Paulo, 16 fev. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/lan-cepess/2023/02/16/jornalista-se-opoe-as-escolas-de-samba-ligadas-a-torcidas-de-clubes-nao-gosto.htm>. Acesso em: 14 jun. 2023.

LEOPOLDI, J. S. **Escola de samba, ritual e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

LEVY, S. D. Trauma e desintegração psíquica na contemporaneidade. In: FARIAS, F. R. de (Org.). **Apontamentos em memória social**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011, p. 75-92.

LIGA-SP. Covid-19 no Brasil. Por que insistem em culpar o Carnaval? **LIGASP**, São Paulo, 12 mai. 2020. Disponível em: <https://ligasp.com.br/covid-19-no-brasil-por-que-insistem-em-culpar-o-carnaval/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

MAMBERTI, S. Prefácio. In: RUBIM, A. A. C.; TAVARES, M. (orgs.). **Cultura política no Brasil atual**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021, p. 11-24.

MENEZES, R. de C. Caos, crise e a etnografia das escolas de samba do Rio de Janeiro. **Hawó**, v. 1, p. 1-38, 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **COVID-19 no Brasil**. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html#. Acesso em: 30 dez. 2024.

MOURA, E. C. et al. Covid-19: evolução temporal e imunização nas três ondas epidemiológicas, Brasil, 2020–2022. **Revista de Saúde Pública**, v. 56: e105, 2022.

PALHARES, M. F. S.; SCHWARTZ, G. M. **"Não é só a torcida organizada"**: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol? São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

PINHO, M.; DUARTE, N. **Chacina deixa oito mortos em sede de torcida do Corinthians**. **G1**, São Paulo, 19 abr. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/04/sobe-para-oito-o-numero-de-mortos-em-chacina-em-sao-paulo.html>. Acesso em: 16 mar. 2023.

PIVA, R. Entrevistas com lideranças de torcidas: um relato das gravações. In: HOLLANDA, B. B. B. de; FLORENZANO, J. P. (orgs.). **Territórios do torcer**: depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol. São Paulo: EDUC, 2019, p. 63-73.

RAYMUNDO, J. Não é só folia: culturas populares, festas populares e o carnaval na pandemia. In: RUBIM, A. A. C.; TAVARES, M. (orgs.). **Cultura política no Brasil atual**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021, p. 273-283.

SANTOS, E. de J.; PÊGAS, K. G. "Águia Solidária": atenção às famílias em meio a pandemia de Coronavírus num subúrbio do Rio de Janeiro. **Revista da ABPN**, v. 14, n. especial, p. 256-278, 2022.

SARMENTO, A. De luto, Pavilhão desfila em silêncio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 fev. 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2402200302.htm>. Acesso em: 16 mar. 2023.

SCHATZKI, T. R. Practices and actions: a wittgensteinian critique of Bourdieu and Giddens. **Philosophy of the Social Sciences**, v. 27, n. 3, p. 283-308, 1997.

SIQUEIRA, C. A. dos S. *et al.* COVID-19 no Brasil: tendências, desafios e perspectivas após 18 meses de pandemia. **Pan American Journal of Public Health**, v. 46: e74, 2022.

SOUZA JUNIOR, R. de A. P. de. Da arquibancada à avenida: práticas de sociabilidade e disputa dentro de uma torcida organizada de futebol. *In*: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 32., 2020, Rio de Janeiro. **Anais...**, Rio de Janeiro: Universidade do estado do Rio de Janeiro, 2020.

TOLEDO, L. H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, SP: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

TOLEDO, L. H. de; SOUZA JUNIOR, R. de A. P. de. Redes populares de proteção: Torcidas Organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19. **Ponto Urbe**, v. 26, e8706, 2020.

VEDOVELLO, C. de L.; RODRIGUES, A. M. As chacinas em São Paulo: da historicidade à chacina da Torcida Pavilhão 9. **Revista de Estudos Empíricos em Direito**, v. 7, n. 2, p. 161-179, 2020.

Sobre o autor

Júlio César Valente Ferreira – Professor associado do Departamento de Engenharia Mecânica e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Docente colaborador do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (UFF). Líder do Núcleo de Estudos Culturais Orientais (NECO) e do Grupo de Pesquisa Produção e Economia de Comunhão (GPPEC).